

# O trauma subjetivo

Marcus André Vieira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## RESUMO

O presente artigo visa evocar uma abordagem subjetiva do trauma que se norteia pelas indicações do psicanalista Jacques Lacan. Evoca-se, com Eric Laurent, uma “abordagem pelo avesso” através da qual se tenta levar em conta o que tende a ser suprimido da cena traumática, a saber, o sujeito, tal como Lacan o define. Para garantir algum lugar a este, é preciso apostar que a causa do sofrimento não se esgotaria no evento traumático em si, o que o documentário *Falcões* pode ajudar a vislumbrar. Seguindo a mudança empreendida por Freud em sua teoria ao abandonar a “teoria da sedução”, junto a algumas referências de Lacan, procura-se demonstrar com alguns fragmentos a possibilidade de trabalho clínico com o sujeito traumatizado através da tentativa de constituição de uma montagem singular que possa dar lugar ao real do destino.

**Palavras-chave:** Trauma; urgência; sujeito; real; transtorno de stress pós-traumático.

## ABSTRACT

### *The subjective trauma*

The present article seeks to evoke a subjective approach of the trauma that guides itself through the indications of the psychoanalyst Jacques Lacan. It is evoked with Eric Laurent, an “inside out approach” through which we try to take into account what tends to be suppressed from the traumatic scene, namely the subject, as Lacan defines it. To assure it a place, we would have to bet that the cause of pain would not be extinguished in the traumatic event itself, something that the documentary *Falcões* might help us to see. Following a change made by Freud in his theory when abandoning the “theory of seduction”, along with some of Lacan’s references one tries to demonstrate with some fragments the possibility of clinical work with the traumatized subject through the attempt of the constitution of a singular assemblage that can provide a place for the subject is fate.

**Keywords:** Trauma; urgency; subject; real; post-traumatic stress disorder.

## RESUMEN

### *Le trauma subjetivo*

El presente artículo busca evocar un abordaje subjetivo por medio de las indicaciones del psicoanalista Jacques Lacan. Con Eric Laurent evocase “un abordaje al revés” por medio del cual intentase llevar en cuenta lo que tiende a ser suprimido de la escena traumática, es decir, el sujeto, tal y cómo lo define Lacan. Para garantizarle algún lugar es necesario apostar que la causa del sufrimiento no se agota en el evento traumático en sí mismo, lo que el documental *Falcões* puede ayudar a vislumbrar. Segundo el cambio emprendido por Freud en su teoría mientras abandonaba “la teoría de la seducción”, con algunas referencias de Lacan, se busca demostrar con algunos fragmentos la posibilidad de trabajo clínico con el sujeto traumatizado a través de tentativa de elaboración de un montaje singular que pueda dar lugar al real del destino.

**Palabras clave:** Trauma; urgencia; sujeto; trastorno del estrese postraumático.

## 1 O TRAUMA PELO AVESSE

A que título o psicanalista teria algo a dizer sobre o trauma? Ele não costuma estar junto da equipe de assistência, não presta socorro imediato, ao menos não em sua figura tradicional. Seu papel está condicionado à premissa de que há em qualquer trauma um “fator

subjetivo” ineliminável. É preciso contar que, independentemente do que terá ocorrido, algo singular precisará entrar sempre em ação para que se possa definir um trauma, já que nem todos os expostos à mesma situação serão traumatizados.

Lacan trata o trauma pelo avesso. Esta é a fórmula proposta por Éric Laurent a partir de J.A. Miller, para

synetizar uma série complexa de articulações entre Freud e Lacan. Tentarei desdobrar uma ou duas delas. Antes, entretanto, é preciso situar a importância e a atualidade desta abordagem pelo “avesso”. Laurent parte dela justamente para destacar o que se tende a deixar de lado quando o assunto é trauma, esta será a primeira indicação que nos norteará.

A violência do evento ofusca a importância do que poderíamos chamar de “fator subjetivo”, que é exatamente o que justifica a presença da psicanálise no campo do trauma. Campo este em que o sofrimento humano se apresenta como acidente, urgência e desamparo (Laurent, 2007). É impossível negar este fator, todos concordam. Porém admiti-lo não é levá-lo em conta como tal se considerarmos que a própria vítima tem dificuldade neste sentido. É exatamente o fato de o sujeito apresentar-se como esmagado pelo evento que parece carimbá-lo como traumático. Como fazer este fator subjetivo entrar na narrativa de uma história, como contar o que aconteceu destruindo-nos como sujeitos? Ou ainda, como recuperar esta parte sujeito em meio a tamanho horror se isso significa assumir que lá estávamos participando dele, de certa forma?

Compreende-se a tendência em eliminar o sujeito da cena traumática. Tanto do lado da vítima como daquele que a socorre, é comum considerar o sujeito ausente na cena, como se fosse possível esgotar apenas no acontecimento a causa do trauma. Evidentemente, em muitas situações, parece ser o melhor e o mais humano a ser feito. Mas, se considerarmos esta manobra em grande escala, há uma mudança de perspectiva.

Em nossos dias de fé cega na ciência, a tendência universal é a da abordagem impessoal pelo ciframento muitas vezes pseudocientífico. Busca-se evitar a contaminação com o temperamental e o imprevisível, para fechar a cadeia causal esgotando o evento ao lhe imputar uma rede de explicações que dêem conta do porquê do trauma. Como? Pedindo, por exemplo, ajuda ao ambiente, sempre mais propício à objetivação. Neste caso tentar-se-á dosar o *amount of* trauma, a quantidade do elemento “estressor”. Ou ainda, será feito um mapeamento das fragilidades genéticas e/ou sociais, para que se possa centrar no evento e não no sujeito do trauma.

A supressão do fator subjetivo é igualmente possível do lado do paciente. Serão definidos os comportamentos de traumatizados para, a partir daí, tratar, sem nem mesmo precisar pedir ao sujeito que diga se está traumatizado ou não. Elimina-se, da memória do evento, seu fator singular e, dessa forma, o próprio tratamento parece ganhar em objetividade. Exposição comportamental dessensibilizante ao evento ou reprodução de comportamentos automáticos vividos

em um trauma (os movimentos de olhos) são exemplos dessa objetividade. Em ambos os casos pretende-se desfazer o trauma sem que nada seja pedido ao paciente sobre o desenrolar do evento.

## 2 FALCÕES

Talvez seja difícil entender a radicalidade dessa supressão do sujeito como variável e o quanto ela é perigosa. Para isso usaremos um exemplo mais próximo e menos aparentemente científico relatado no documentário, *Falcões, meninos do tráfico*, produzido por MV Bill e Celso Athayde.

Exibido no Fantástico, no momento da audiência maior das famílias, o documentário – constituído de entrevistas com crianças que, desde muito cedo estão inteiramente envolvidas no tráfico – trouxe uma novidade ao olhar da classe média.

Ao percorrer os retratos vivos e especialmente fortes desses meninos tomados pela morte e pelas drogas, temos a certeza de que algo foi desvelado e que nunca mais se poderá lidar com a situação como antes.

Diante dessa crua realidade somos levados a esquecer a variável subjetiva. Com efeito, ficamos inebriados pelo que parece real no documentário sob a forma de crianças inteiramente sem perspectiva, impregnados de cola, sem passado nem futuro, etc. Contra essa leitura, temos que sustentar que aquilo que vemos não é o real em si. Isso não significa de modo algum anestesiarmos nossas consciências nos refugiando no chavão “há exagero”. Não. Seria um grosseiro desrespeito ao trabalho fundamental deste documentário. Porém, nos parece necessário manter um mínimo de ficção em *Falcões* para preservar o que há de humanidade no que vemos. É preciso imaginar estes meninos de alguma forma “fazendo cena”, querendo impressionar, fantasiando o que vão transmitir à câmera com relação ao que acham que é um grande personagem.

Este é, inclusive, o objetivo declarado dos realizadores: dar uma imagem humana a estes meninos que são vistos comumente como o horror em si. É mostrar ao Brasil que há um “outro Brasil” e que esses meninos não são apenas morte e violência, mesmo se acordam e deitam com elas.<sup>1</sup> MV Bill e Celso Athayde estão no extremo oposto da idéia de um zoológico do real em que se atrelou a violência a seu executante sem que se coloque entre um e outro nenhum fator subjetivo. É recusando esse fator que os que zelam pela pena de morte fazem discursos. De acordo, não podemos nos perder em explicações, mas não podemos apagar este hiato sob pena de apagar nossa própria humanidade.

Todo documentarista sabe que não será possível mostrar o real tal e qual, sem edição, pois a própria humanidade deles é uma edição, um modo de olhar. Eles buscam apenas uma imagem “sem cortes ou edições espetaculares” (Soares, Bill e Athayde, 2005, p. 9). Sabem o quanto será inevitável que estes meninos se ponham em cena e não se preocupam com isso em demasia. Ao contrário, desde que se mantenha aquele “quê” de verdade essencial, isso é até desejado. Por isso MV Bill se permite esta beleza de comentário que resume tudo o que acabo de afirmar: “nunca acreditei em tudo o que eles diziam, nem nas verdades”.<sup>2</sup>

### 3 TRAUMA GENERALIZADO

Retornando ao nosso tema. Justamente por não ceder à tentação de recusar o fator subjetivo, pode-se decidir por lhe dar lugar de honra. A definição se desloca para o “transbordamento das capacidades subjetivas de lidar com o evento”, “o sentimento subjetivo de desamparo” etc. Simplesmente porque, como não se pode definir o indefinido sujeito, tudo o que o indivíduo disser que foi traumático, será. É a saída pragmática.

Ora, como se sabe, o lugar de honra costuma ser dado àqueles que já foram e que nada mais são. Apesar das aparências, esta será uma última possibilidade para a supressão da variável subjetiva. Elimina-se o hiato causal do mesmo modo, pois não se construirá um lugar para o subjetivo. Não se investiga sobre o que em um dado evento traumático teria sido o trauma para um sujeito. Apenas pede-se ao indivíduo que amarre “evento” e “trauma”, que diga se está ou não traumatizado e a partir de que acontecimento objetivo isso se deu.

A ironia, constata Laurent, é que da tendência generalizada disto que Lacan chamava de uma “ideologia da supressão sujeito” (Lacan, 2003, p. 436) observa-se a generalização do trauma. No *Google* ([www.google.com.br](http://www.google.com.br)) encontramos hoje 52.000.000 de links para “trauma” e 1.200.000 links só para “transtorno de stress pós-traumático”.

A situação traumática ganha a cada dia mais descrições a julgar pela *Wikipedia* (<http://pt.wikipedia.org>) – a enciclopédia de nossos tempos, que veicula um saber sem autor, puramente consensual. Catástrofes artificiais ou naturais, acidentes individuais ou coletivos, agressões em geral, atentados, guerras, abusos sexuais torpes ou comportamentos sexuais os mais ingênuos, tudo pode ser traumático. Chega-se a supor que o próprio agente do trauma pode se traumatizar com sua ação: “Em alguns casos, até mesmo as próprias ações da pessoa, como por exemplo, cometer um estupro, podem ser traumáticas se o agressor se sentir

desamparado, sem recursos (*helpless*) para controlar a urgência de cometer seus crimes”.<sup>3</sup>

Aceitar o subjetivo em tese para suprimi-lo (como variável) na prática leva à generalização do trauma. O trauma pelo avesso é a aposta no fator subjetivo como elemento chave no processo, que, já entendemos, não está escrito no evento, aparecendo, sobretudo como enigma, hiato, ruptura que perturba as explicações e sentidos coletivos e universais e que terá, a duras penas, de ser construído.

### 4 À ESPERA DA SURPRESA

Como destaca Laurent, durante dois anos Freud acreditou que o acontecimento objetivo era responsável pelo trauma. Chamou sua crença de “teoria da sedução”. O abandono da teoria da sedução, porém, não é o abandono da noção de trauma, mas antes o contrário. Acontece que o fator subjetivo, que na vivência do evento é apenas ruptura, precisou ser tomado de outra forma. É o que assinala Lacan nesta passagem partindo não do trauma, mas da experiência cotidiana da sessão analítica: “O que se espera da sessão é a surpresa [...] [e] o que temos de surpreender é algo cuja incidência original foi marcada como trauma.” (Lacan, 2003, p. 352). Algo surpreendente *em si* não existe. Muita coisa acontece na vida, mas o que dela surpreende é o que me toca como sujeito. Por isso a subversão de Lacan: buscamos surpreender o real e não sermos surpreendidos por ele.

Considerado de um distinto ponto de vista, o real pode vir a se inscrever de outro modo. Em vez de pura dispersão, um achado; em vez de pura angústia, a experiência de algo que se articula – de forma paradoxal, é verdade –, e que se integra no vivido. É o que faz Freud ao nomeá-lo *trauma*. A partir do dispositivo analítico, ele passa a poder encontrar um lugar no relato. Nos termos de Lacan: “Numa frase pronunciada alguma coisa se estatela [...]. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, apresenta-se como um *achado*.” (Lacan, 1988, p. 30 – grifos do original). A manobra freudiana, então, inclui a passagem da experiência ao relato dela. Como afirma Lacan,<sup>4</sup> “a estrutura do relato [...] é o que define o campo da interpretação analítica” (Lacan, 2003, p. 355).

E mais: há algo nessa estrutura que define a possibilidade de que o real seja, para alguém, traumático. Lacan afirma com relação ao sono, mas que podemos traduzir, aqui, por real: “a estrutura do relato não sucumbe ao real.” (Cf. nota 4). Não é sua ruptura, sua destruição pelo real, mas o lugar que ela dá ao real como destruição, que uma vez subvertido, fará o trauma.

Ao analista caberá a tentativa de salvaguardar um lugar para o sujeito, que poderá comparecer assim que for possível acrescentar, neste espaço de ruptura, alguns elementos imponderáveis, mas decisivos. Vejamos o caso de Dona Dora, senhora vigorosa, verdadeira referência na comunidade que apóia a todos, diante das mais inacreditáveis mazelas e violências, perde todas suas forças sem que se possa imaginar a razão. Seu marido abandonou-a, seus filhos, ela os perdeu na guerra do tráfico, mas (verifica-se após muitos tratamentos para a depressão) que a morte de sua gata, que teve o pescoço quebrado, possivelmente por um vizinho, quebra-lhe a espinha dorsal da existência, pois parece-lhe a mais “pura violência”.<sup>5</sup>

É realmente difícil acolher este tipo de fala de sujeito quando não se está o mais próximo possível do acontecimento, não porque isso nos permitiria melhor julgar seu poder traumático, mas porque, ao contrário, às vezes só ali podemos descrever, ao menos em parte, no poder traumático do real, da violência em si, para apostar no modo como ele é vivido por cada um.

Esse “descrever”, tal como no caso dos *Falcões*, é necessário para que se passe ao relato de modo a produzir a possibilidade da psicanálise? Qual seria ela? Há uma passagem de Lacan a qual podemos transformar em uma espécie de aforismo para tentar esboçar uma resposta a essa pergunta.

A operação analítica,<sup>6</sup> segundo Lacan, é aquilo que torna possível que “o trauma se implique no sintoma” (Lacan, 1998, p. 853). *Implicar* aqui deve ser entendido como “ser incluído”, “poder se deduzir de”. *Sintoma*, por outro lado, não pode ser tomado como a expressão de um sentido prévio, nem como a de um funcionamento a ser erradicado. O trabalho desenvolvido por J.A. Miller em seu seminário *A orientação lacaniana* é aqui essencial. O trauma deve ser tomado – veremos a seguir, a partir de dois fragmentos de caso – como o nome, no relato de uma vida, daquilo que o impede de fechar-se por insistir em atralhar. Trata-se, enfim, de um nome do sujeito ou mais claramente, o nome daquilo que em alguém fala de um gozo inominável.<sup>7</sup>

## 5 NO LIMITE DO SENTIDO

Finalmente, quanto ao tratamento do trauma, Laurent distingue, a partir do trabalho de leitura de Lacan realizado por J. A. Miller, dois caminhos. O primeiro é mais fácil de entender. Passa por integrar a vivência do trauma no mundo, dar ao trauma subjetivo um lugar. É preciso acolher a morte do gato sem dizer que isso não é nada, que há coisa muito mais séria. Isto para que, a seguir, dona Dora possa encontrar um

sentido para ela. Talvez uma bebedeira no vizinho, que até ontem lhe pedia conselhos, talvez outra coisa.

Isso resgata um lugar para o sujeito, afastando-nos das psicoterapias autoritárias e mesmo da servidão absoluta à medicação (apesar de não contradizê-la). Mas é preciso entender seus limites. Há situações em que tudo está tão fragmentado que não há exatamente um relato para nele buscar o traço do subjetivo. Ou então que o evento é tamanho em violência, como o dos sobreviventes do holocausto, que é impossível constituir uma narrativa dele sem se desintegrar como indivíduo. Desta forma, a crença no sentido, em um sujeito como essência prévia, pode atralhar o trabalho.

Um exemplo extremo. Um câncer terminal faz com que um paciente destinado à morte procure um analista. A demanda<sup>8</sup> era “levar as últimas conseqüências a busca de uma razão de ordem emocional que pudesse ter contribuído para a doença” (Lambert e Duba, 2004a, pp. 118-121; 127-132).

Uma vida é imaginada como narrativa encadeada e contínua que dá sentido a uma existência. Mesmo em situações dramáticas que põem em risco nossa unidade corporal, podemos supor uma continuidade natural entre as lembranças. Esse sujeito, porém, perdeu a possibilidade de futuro e, com isso, o sentimento de unidade que nos sustenta. Sua frase anuncia uma vã tentativa de solucionar a ruptura da linha da vida recompondo-a pelo sentido, algo como “se eu fiz este câncer, como vocês dizem, posso do mesmo modo desfazê-lo”. O trágico do exemplo nos ensina que apelar para um sujeito prévio é, muitas vezes, um recurso evidentemente infrutífero.

A busca desesperada pelo encontro com este saber prévio, claramente de cunho místico, impede que o fator subjetivo se inscreva no relato, pois ele já terá uma forma prevista, não mais científica, mas particular. Neste sentido, tanto a vida em outras esferas quanto a existência de um animal no homem, diabinho, são sentidos prévio que lhe darão talvez uma identidade recomposta na eternidade, mas em nada servirão para tornar o relato que este sujeito tenta construir aberto, capaz de recriar um novo destino para ele no tempo que lhe resta.

## 6 MONTAGEM E INVENÇÃO

Não há sujeito prévio para Lacan. A pulsão, para ele, é uma montagem. Assim ele retoma as indicações de Freud. O sujeito é fruto de uma montagem contingente e não de uma série de acontecimentos na infância. É algo que emerge de uma história permanentemente construída e não de uma eterna atualização dos encontros infantis entre um diabinho pulsional e as repressões da cultura.



Laurent propõe, desta forma, uma montagem com os traços do evento, que eventualmente faça sentido, mas sem que o sentido seja o objetivo do trabalho. Algo como uma colagem.<sup>9</sup>

Um outro exemplo extremo mostra como às vezes é isso o que se pode propor. Alguém que perde toda a família em um acidente de carro em que ele estava no volante. Ele não é capaz de se lembrar do que houve e estranha as cicatrizes em seu corpo, apesar das várias tentativas por parte dos médicos de “estabelecer laços simbólicos com o acidente”.

Satisfazer-se em tomar esta amnésia apenas como índice de uma lesão no córtex é impedir qualquer possibilidade de subjetivação e decretar o exílio deste sujeito de toda uma parte de sua história e de si mesmo. Exigir, por outro lado, que ele “assuma” o sentido do que ocorreu, lembrando-se do acidente, é desumano. Afinal, qual o sentido de um acidente desses?

Deslocar o sentido para uma “culpa inconsciente” não resolve as coisas. Afinal, em quê, assumindo que o esquecimento teria como sentido uma culpa inconsciente, este homem poderia melhor encarar as coisas? Como “assumir” a loucura de mortes como essas? Ora, se ele continua em vida é justamente por se entregar a uma espécie de automatismo corporal, amputado de si, cego e sem memória. Só que, nesse quase autômato em que tornou seu cotidiano, algumas cicatrizes podem ser balizas, por se apresentarem como estranhos elementos que carregam um enigma intrínseco. É com elas que se deve construir, artesanalmente, como for possível, sem supor que há um estado prévio ideal a se alcançar, um laço com a vida (e não necessariamente com o acidente).

Algo como, por exemplo, conseguir, a partir destas marcas, inventar uma história, qualquer que seja, mesmo que uma ocorrência fantasiada, em que ninguém morreu, enfim, alguma ficção que possa sustentar um sujeito, pois não se vive sem histórias para contar. Talvez algum dia essas ficções *ad hoc* ancoradas no real de suas marcas, permitam-lhe nelas reinserir sua família. Talvez sim, talvez não, o essencial é que na montagem obtida haja espaço aberto à invenção. Para isso é vital suportar que o sujeito esteja apenas nessas marcas e que elas, como em todos nós, ditem o destino que se será dado, em nossa história, ao real do destino.

## REFERÊNCIAS

- Lacan, J. (1998). *Escritos*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). *Outros Escritos*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lambert, A., & Duba, C. (Orgs.). (2004a). *XV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano*, brochura de trabalhos. Rio de Janeiro: EBP-Rio.
- Lambert, A., & Duba, C. (Orgs.). (2004b). *XV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano*, documento preparatório. Rio de Janeiro: EBP-Rio. (inédito)
- Laurent, E. Le trauma à l'envers. Disponível em: <<http://www.wapol.org/es/psicoytera/Template.asp?intTipoPagina=2&intEdicion=2&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=140&intIdiomaArticulo=5&intIdiomaNavegacion=1>> Acesso em: 02 jun. 2007.
- Miller, J. A. (2000). Teoria do parceiro. In Ribeiro, V., & Monteiro, E. (Orgs). *Os circuitos do desejo*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: ContraCapa.
- Soares, L. E., Bill, MV, Athayde, C. (2005). *Cabeça de porco*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Wikipedia, verbete *trauma*. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Psychological\\_trauma](http://en.wikipedia.org/wiki/Psychological_trauma)>. Acesso em: 13 jun. 2007.
- Recebido 22/10/2007. Aceito 06/08/2008.
- Notas:**
- <sup>1</sup> Este artigo é um produto de nossa pesquisa “Aplicações da psicanálise em situações de violência cotidiana” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) com o apoio do CNPq e da Faperj.
- <sup>2</sup> “Nosso objetivo foi mostrar, sem cortes ou edições espetaculares, o lado humano destes jovens” (Soares, Bill e Athayde, 2005, p. 9).
- <sup>3</sup> “Forte não parava de falar, parecia estar arrependido de ter mentido antes para mim, parecia que queria se redimir por ter me induzido a crer que ele era um cara mais sinistro do que o próprio Bin Laden. Mas nem precisava, eu nunca acreditei em tudo o que eles diziam, nem nas verdades” (Soares et al., 2005, p. 213).
- <sup>4</sup> Extraído do verbete *trauma* da *Wikipedia* <<http://pt.wikipedia.org/>>.
- <sup>5</sup> “Se nada do que se articula no sono é aceito na análise senão por seu relato, isso não equivale a supor que a estrutura do relato não sucumbe ao sono? Isso define o campo da interpretação analítica.” (Lacan, 2003, p. 355)
- <sup>6</sup> Muito do que aqui é proposto seria impossível sem as discussões e contribuições do projeto Digai-Maré, Centro de atendimento criado em parceria ao Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) a Escola Brasileira da Psicanálise (EBP), o Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro (ICP-RJ). Para maiores detalhes sobre o projeto Digai-Maré, cf. <[http://www.ebprio.com.br/centros\\_atendimento\\_digai.htm](http://www.ebprio.com.br/centros_atendimento_digai.htm)>.
- <sup>7</sup> “O *Nachträglich* [é aquilo] [...] segundo o qual o trauma se implica no sintoma.” (Lacan, 1998, p. 853)
- <sup>8</sup> Cf., por exemplo, Miller, 2000.
- <sup>9</sup> Ambos os fragmentos de caso a seguir foram apresentados no XIV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano (cf. Lambert e Duba, 2004a, pp. 118-121; 127-132).
- <sup>10</sup> “É o que ocorre no fragmento de caso acima: na sessão de análise sua fala desdobra a urgência de uma série de frases que se interrompem sempre na aproximação da morte. O analista nunca encerra a sessão neste ponto levando-o sempre a falar ‘um tempo a mais’, seu modo de contrapor-se à pergunta angustiada do sujeito ‘meu tempo acabou?’. Evidentemente este não foi o único recurso. O essencial talvez tenha sido uma exigência do analista no sentido de que o silêncio da morte não era nada e ser compreendido, significado etc, e que o silêncio na sessão, com este tempo a mais, deveria ser prenhe de histórias, de que, enfim, o furo pode se deslocar. O fato é que algo se mexeu. Começaram a materializar-se restos, pedaços de situações e lembranças. É pouco, mas algo nos comprova que talvez esta leitura não esteja tão especulativa. Surge um sonho em que o sujeito se vê em um mar de lama. O furo traumático ganhou imagem. O real puro do fim surge agora como invasivo e escatológico. Parece horrível, mas não é, pois o sujeito começa a esboçar uma distinção entre zonas livres e zonas de lama em sua vida. O trabalho analítico se estabelece a seguir com a possibilidade de destacar algumas ilhas neste ‘mar de lama’ que lhe deram a certeza de que havia ainda vida em meio ao fim e que por isso havia um tempo a mais.” (Lambert e Duba, 2004b).
- Autor:**  
 Marcus André Vieira – Psicanalista (EBP). Doutorado em Psicanálise (Univ. Paris VIII). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Autor de *Restos – uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise* (ContraCapa, 2008).
- Endereço para correspondência:**  
 MARCUS ANDRÉ VIEIRA  
 Rua Almirante Salgado, 377 – Laranjeiras  
 CEP 22240-170, Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
 Tel.: (55-21) 3511-5969  
 E-mail: mav@litura.com.br